

**TRABALHO DE CAMPO E ENSINAGENS SOBRE A GEODIVERSIDADE NO
PARQUE ESTADUAL DA SERRA DOURADA (ESTADO DE GOIÁS)****FIELDWORK AND TEACHING ABOUT GEODIVERSITY IN THE STATE
PARK OF SERRA DOURADA (GOIÁS STATE)****TRABAJO DE CAMPO Y ENSEÑANZAS SOBRE GEODIVERSIDAD EN EL
PARQUE ESTADUAL SERRA DOURADA (ESTADO GOIÁS)****Márcio José Pires de Moraes¹**

Mestrando em Geografia da UEG - Universidade Estadual de Goiás,
Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás - GO
marciogeografo13@hotmail.com

Natalia Barbosa Mateus

Mestranda em Geografia da UEG - Universidade Estadual de Goiás,
Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás - GO
nataliabarbosamateus@hotmail.com

Sebastião de Souza Oliveira

Docente da SEMED - Secretaria Municipal da Educação, Palmas - TO
sebastiaooli@hotmail.com

Vandervilson Alves Carneiro

Docente do Mestrado em Geografia da UEG - Universidade Estadual de Goiás,
Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás - GO
vandervilson.carneiro@ueg.br

Resumo: A natureza enquanto um sistema de elementos bióticos e abióticos nos dá as pistas para conhecer as variedades de ambientes: geológicos, geomorfológicos, paleontológicos, hidrológicos, espeleológicos, rochas, minerais, fósseis, cachoeiras, solos antigos e outros, que constituem o que se entende por Geodiversidade. Este estudo pontua o relato de experiência de uma atividade de campo promovido pelo Curso de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina (Cidade de Goiás), realizada no Parque Estadual da Serra Dourada do mesmo Estado em 16/06/2019 em 4 geossítios (Gruta da Coruja, Cidade de Pedra, Mirante e Areal). Do ponto de vista do método e dos desdobramentos da metodologia, com literatura específica, elege-se em primeira mão, o elenco empírico: registros fotográficos, anotações em caderno entre outros. É importante um esforço, no sentido de perceber que as mudanças ambientais constituem um processo atuante na superfície terrestre desde a constituição inicial do planeta Terra (CHRISTOFOLETTI, 1995). Para que se cumpram os objetivos propostos (relato de experiência e trabalho de campo), o esforço maior foi realizado em torno do conceito de Geodiversidade, cunhado por Brilha (2005) e pela CPRM (2006). Dado seu potencial agregador dos geossítios estudados, é que faz de si, um forte aliado para a prática de ensino-aprendizagem na Geografia e áreas afins.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Ensino de Geodiversidade. Geossítios. Cerrado goiano.

¹Destaco que a expressão ENSINAGEM foi inicialmente explicitada no texto de ANASTASIOU, L. G. C., resultante da pesquisa de doutorado em 1998. Trata-se de um termo adotado para significar uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos, condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento, necessário à formação do aluno durante o cursar da graduação e da pós-graduação.

Abstract: Nature as a system of biotic and abiotic elements gives us the clues to know the varieties of environments: geological, geomorphological, paleontological, hydrological, speleological, rocks, minerals, fossils, waterfalls, ancient soils and others, which constitute what is understood as Geodiversity. This study punctuates the experience report of a field activity promoted by the Master's Course in Geography of the State University of Goiás, Campus Cora Coralina (City of Goiás), held in the State Park of Serra Dourada of the same State on 16/06/2019 in 4 geosites (Gruta da Coruja, Cidade de Pedra, Mirante and Areal). From the point of view of the method and the unfolding of the methodology, with specific literature, the empirical cast is chosen at first hand: photographic records, annotations in notebook among others. It is important to make an effort, in the sense of perceiving that the environmental changes constitute an active process on the earth's surface since the initial constitution of planet Earth (CHRISTOFOLETTI, 1995). In order to fulfill the proposed objectives (experience report and field work), the greatest effort was made around the concept of Geodiversity, coined by Brilha (2005) and by CPRM (2006). Given its potential to aggregate the geosites studied, is that it makes of itself, a strong ally for the teaching-learning practice in Geography and related areas.

Keywords: Fieldwork. Geodiversity teaching. Geosites. Cerrado goiano.

Resumen: La naturaleza como sistema de elementos bióticos y abióticos nos da pistas para conocer la variedad de ambientes: geológicos, geomorfológicos, paleontológicos, hidrológicos, espeleológicos, rocas, minerales, fósiles, cascadas, suelos antiguos y otros, que constituyen lo que se entiende por Geodiversidad. Este estudio destaca el relato de experiencia de una actividad de campo impulsada por el Máster en Geografía de la Universidad Estatal de Goiás, Campus Cora Coralina (Ciudad de Goiás), realizado en el Parque Estatal Serra Dourada en el mismo estado el 16/06/2019 en 4 geositos (Gruta da Coruja, Cidade de Pedra, Mirante y Areal). Desde el punto de vista del método y el despliegue de la metodología, con literatura específica, se elige de primera mano el elenco empírico: registros fotográficos, apuntes en cuadernos, entre otros. Es importante hacer un esfuerzo para darse cuenta de que los cambios ambientales son un proceso activo en la superficie terrestre desde la constitución inicial del planeta Tierra (CHRISTOFOLETTI, 1995). Para cumplir con los objetivos propuestos (relato de experiencia y trabajo de campo), se hizo el mayor esfuerzo en torno al concepto de Geodiversidad, acuñado por Brilha (2005) y por el CPRM (2006). Dado su potencial para la agregación de los geositos estudiados, se convierte en un fuerte aliado para la práctica de enseñanza-aprendizaje en Geografía y áreas afines.

Palabras-clave: Trabajo de campo. Enseñanza de la geodiversidad. Geositos. Cerrado en Goiás.

Introdução

Nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, as principais instituições de pesquisas do Brasil e de outros países tem se dedicado ao estudo da natureza abiótica, também denominada de Geodiversidade. O pesquisador Brilha (2005) considera que proteger os elementos físicos que compõem a assim considerada, natureza abiótica é o passo inicial para garantia de sua sustentabilidade e assegurar um laboratório a céu aberto para pesquisas e divulgação de saber científico via trabalhos de campo.

O Serviço Geológico Nacional / Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais - CPRM (2006) destaca que a Geodiversidade trata do meio físico e de seus fenômenos formadores de paisagens, como por exemplo: as feições geológicas, as geoformas, os

paleossolos, as rochas, os minerais, os fósseis, as quedas d'água, as cavernas, os traçados hídricos e outros.

Segundo Gray (2011), o termo Geodiversidade é de recente uso entre pesquisadores das áreas de Geologia e de Geografia e passou-se a ser utilizado a partir de 1993 com constância em eventos científicos. As narrativas de Brilha (2005), Gray (2011) e CPRM (2006) conjunham para entender que o Parque Estadual da Serra Dourada (figuras 1 e 2), objeto deste texto, traz os elementos necessários para o enriquecimento deste novo debate proposto pela Ciência Geográfica, no que tange ao ensino e outros seguimentos. Verifica-se que “dentre as várias técnicas utilizadas no ensino da Geografia, considera-se o trabalho de campo, uma atividade de grande importância para a compreensão e leitura do espaço, possibilitando o estreitamento da relação entre a teoria e a pratica, [...]” (TOMITA, 1999, p. 13).

Figura 1. Placa de sinalização do Parque Estadual da Serra Dourada (PESD).



Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

Figura 2. Vista da Serra Dourada que dá nome ao Parque Estadual.



Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

É sublinhado por Carneiro (2009, 105) que:

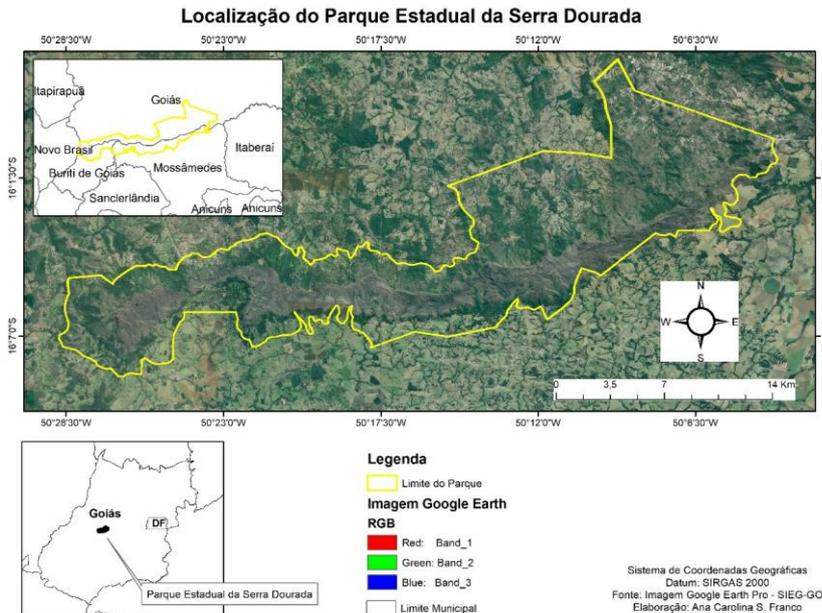
[...] o trabalho de campo é benéfico e cumpre seus objetivos científicos e pedagógicos. Portanto, dizemos que ele foi utilizado para vários fins pelos povos, correntes científicas e escolas geográficas; e, cabe ao geógrafo entoar a significância dessa atividade, onde o campo é um laboratório.

Ressalta-se a importância de seguir, as coordenadas dadas por Carneiro (2009) e Tomita (1999), no que pesem sequência de estudos, desse porte, no Parque Estadual da Serra Dourada. E assim, procedendo, nos permite e motiva nessa entusiasta análise da Geodiversidade em domínio de Cerrado. Portanto, buscou-se relatar neste texto, enquanto amadurecimento de pesquisas realizadas por discentes do Curso de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina, como requisito principal de maior vislumbre do conceito de Geodiversidade.

Parque Estadual da Serra Dourada - caminhos da pesquisa, resultados e discussão

O Parque Estadual da Serra Dourada é uma unidade de conservação criada por meio do Decreto Estadual n. 5.768, de 05 de junho de 2003, com o objetivo de conservar e proteger a biodiversidade da região ameaçada pela ocupação irregular das nascentes (GOIÁS, 2003; JUSTINO; CARNEIRO, 2020; FRANCO; CARNEIRO, 2020). Na figura 3, é possível visualizar o Parque e os municípios circunvizinhos de Mossâmedes, Cidade de Goiás e Buriti de Goiás.

Figura 3. Localização do Parque Estadual da Serra Dourada (Estado de Goiás).



Elaboração: mestranda Ana Carolina Santomé Franco, 2019.

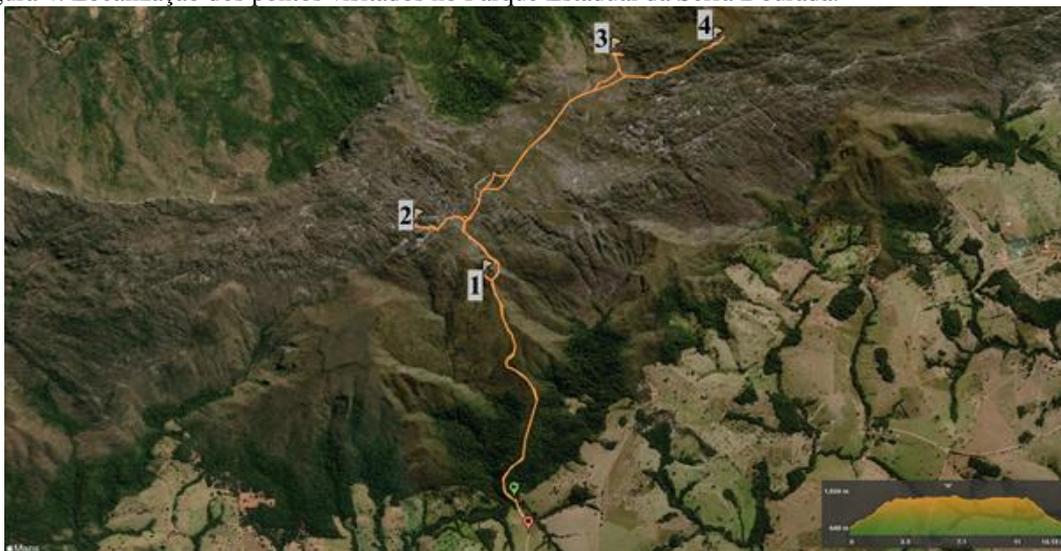
Com o apoio de literatura específica sobre o conceito de Geodiversidade e de materiais cartográficos (croquis e imagens do Google Earth) referentes ao Parque, de anotações em caderno, uso de celular (registro fotográfico), compuseram o trabalho de campo em 16/06/2019. Todavia, a atividade de campo, ocorreu sob a coordenação do

professor responsável pela disciplina Tópicos em Geodiversidade e de docentes-convidados², cuja base teórica conceitual, previamente estudada em sala, versando sobre Geodiversidade.

Para além do empiricamente dado, a equipe de acadêmicos (as), do Curso de Mestrado em Geografia da UEG - Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina (Cidade de Goiás), foi possível a materialização e socialização deste trabalho, cujo objetivo maior é o de sua preservação e/ou uso e preservação.

Figura como destaque importante, da dimensão desta rica busca empírica, a visita ao Parque Estadual da Serra Dourada cujos pontos específicos foram a Gruta da Coruja, a Pedra Goiana, o Mirante da Serra Dourada e o Areal (figura 4).

Figura 4. Localização dos pontos visitados no Parque Estadual da Serra Dourada.



(1) Gruta da Coruja; (2) Pedra Goiana; (3) Mirante da Serra Dourada; (4) Areal.
Organização: mestrando Diego Pinto de Mendonça, 2019.

De acordo com os pontos demarcados de 1 a 4 na figura 4, e a observação das formas, se faz importante uma maior acuidade ao que nos apresenta com certo grau de homogeneidade. Neste entabulamento, Vitte (2006, p. 39) nos auxilia ao dizer que:

O mundo da natureza apresenta uma multiplicidade de coisas, mas cada qual com seu arquétipo, devendo os processos da natureza ser compreendidos como imensas metamorfoses que apresentam uma regularidade e uma sucessão dada por afinidade de formas.

Para além do revelado pelo autor, com relação à multiplicidade e sucessão dos processos da natureza, contou-se como ponto importante a troca de experiências de

²O trabalho de campo contou com a colaboração dos mestrandos (as) da disciplina Tópicos em Geodiversidade, do curso de mestrado em Geografia da UEG - Universidade Estadual de Goiás (*campus* Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO), coordenado pelo professor Vandervilson Alves Carneiro da referida disciplina e contribuição dos professores-convidados José Carlos de Souza e Robson de Sousa Moraes, ambos da UEG local.

docentes / discentes e vice versa, marcadamente complementar ao dado pela natureza a priori. Parafraseando Vitte (2006, p. 36) em consonância com Kant (1992): “é dentro deste contexto que a Geografia acabou por eleger a forma como o grande eixo estruturador das análises e posteriores classificações do espaço terrestre”. Neste sentido, portanto, o imperativo da forma nos traz maior reforço para a compreensão da Geodiversidade enquanto proposta deste texto.

Os cenários das formas tanto geológica como geomorfológica no domínio do Cerrado no Parque Estadual da Serra Dourada, propiciam uma beleza cênica singular, os geossítios³, que atraem os olhares de quem visita as cidades de Mossâmedes, Buriti de Goiás e a Cidade de Goiás, no Estado de Goiás.

O supracitado Parque localiza-se em um extenso divisor de águas das bacias hidrográficas do Araguaia-Tocantins ao norte e a Platina ao sul, numa área de movimentos tectônicos de cunho orogênico que formaram o relevo de tipo *hogback* (CASSETI, 1994; NASCIMENTO, 1992).

Conforme Guerra e Guerra (1997, p. 340), o *hogback* é um “termo inglês usado para definir uma estrutura inclinada semelhante à de uma cuesta, mas na qual o mergulho das camadas é geralmente superior a 30°”. Considerando o declive necessário à sua caracterização, torna-se possível entendê-los como vinculados a fenômenos tectônicos, uma vez que dificilmente se constata mergulhos em tais proporções, associados unicamente aos processos de deposição (CASSETI, 2005).

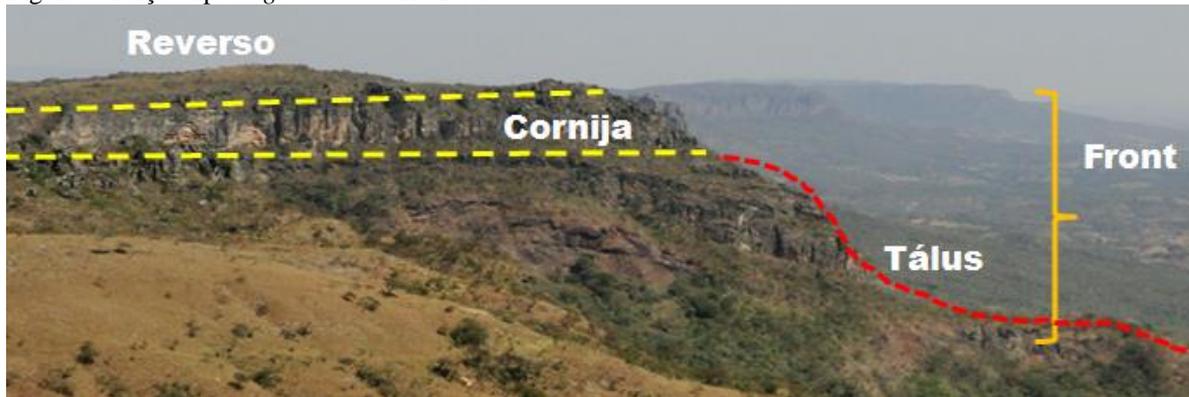
Souza e Müller (2010, p. 147) destacam que “no Brasil, a Serra Dourada (GO), por exemplo, pode ser caracterizada como relevo do tipo *hogback*, justamente por apresentar semelhança evolutiva com o relevo de cuestas⁴” (figura 5).

Cabe pontuar que a localidade visitada está em domínio de clima tropical semiúmido (verão chuvoso e inverno de estiagem) com geomorfologia pertencente à Região do Planalto Central Goiano - unidade Serra Dourada e de geologia composta pelos grupos Goiás Velho e Araxá (DANNI *et al.*, 1981; CASSETI, 1994; MACHADO; LIMA, 2011; NASCIMENTO, 1992).

³Como parte do patrimônio geológico e, conseqüentemente, do patrimônio natural, os geossítios (sítios geológicos) registram a memória da história da Terra, num período que pode alcançar milhares, milhões e até bilhões de anos e que incluem: afloramentos de rochas, minerais, fósseis, conjuntos de valor paisagístico (serras, montanhas, picos, vales) e coleções de museus de Geociências ou de História Natural (NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO NETO, 2008).

⁴Conceitualmente, cuesta, palavra de origem mexicana, refere-se a uma: Forma de relevo dissimétrico constituída por uma sucessão alternada das camadas com diferentes resistências ao desgaste e que se inclinam numa direção, formando um declive suave no reverso, e um corte abrupto ou íngreme na chamada frente de cuesta (GUERRA; GUERRA, 1997, p. 178).

Figura 5. Feição tipo *hogback*⁵ da Serra Dourada.



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Em direção ao topo da Serra Dourada, exatamente na encosta, depara-se com a Gruta da Coruja (parada 1) que é esculpida pelos agentes erosivos e intempéricos em litologia quartzítica com a presença de Cerrado Rupestre (figura 6).

Figura 6. Vista da Gruta da Coruja.



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Na parada 2, denominada de Cidade de Pedra, onde encontrava-se a Pedra Goiana em riste. Esse monumento geológico sofreu vandalismo na década de 1960 e que culminou em sua queda (MACEDO-ECKEL, 2019). A área foi esculpida pela ação da erosão diferencial e processos intempéricos sobre os quartzitos que revelaram a forma ruiniforme (MELO, 2002) (figura 7).

⁵Cornija ou “testa” saliente de rocha resistente. *Front* ou frente do *hogback* que contém a cornija e o tálus. Tálus é uma superfície inclinada com acúmulo de detritos. *Reverso* é o oposto do *front*, ou seja, o costado com o mergulho das camadas rochosas.

Figura 7. Vista da Cidade de Pedra.



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Também merece destacar que a localidade onde estava a Pedra Goiana (figura 8), de acordo com Faria (2006), os moradores do entorno subiam a referida Serra semanalmente para contemplar a beleza cênica local.

Figura 8. Vista da Pedra Goiana.



Fonte: http://www.vilaboadegoias.com.br/album_fotos/fotos_antigas/page/image52.html (2019).

O acesso ao Mirante da Serra Dourada, exatamente a parada 3, deu-se por ambiente de Campo Rupestre (figura 9). O local 3 também conhecido por populares como “Mirante da Asa Delta”, permitiu visualizar o vale e a Cidade de Goiás (FARIA, 2006). Esse ponto visitado encontra-se na cornija e notam-se os traços de erosão

recuante do *hogback*, conforme os dizeres de Casseti (1994) e Nascimento (1992).

Figura 9. Mirante da Serra Dourada.



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

No Areal, parada 4, depara-se com a ação intempérica em corpo rochoso quartzítico, reduzindo-o em areias. O local é circundado por Cerrado Rupestre (figura 10).

Figura 10. Ambiente quartzítico do Areal.



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Neste estudo, os ambientes visitados (Gruta da Coruja, Cidade de Pedra, Mirante e Areal), denominados de geossítios, agregam-se aos estudos de Geodiversidade e se constitui potencialmente como didática e prática de ensino tanto na área das Geociências quanto na Geografia. Com o devido tratamento didático pode-se naturalmente desdobrar os préstimos de excelência no que concerne aos ensinamentos fundamental e médio, ações de educação ambiental e um público alvo maior tanto de

frequentadores do Parque como de moradores que estão nas cercanias da Serra Dourada.

Cabe clarear que “o conceito de geossítio aplica-se aos elementos do patrimônio geológico que constituem uma ocorrência de reconhecido valor científico, [...] podendo, contudo apresentar mais do que um tipo de importância, nomeadamente didática, cultural ou estética” (ICNF, 2017, não paginado).

“O termo geossítio é o mais atual e comum, tendo substituído as designações de geomonumento, local ou sítio de interesse geológico e geótopo. Ao conjunto de geossítios considerados numa determinada área denomina-se patrimônio geológico desse mesmo território” (ICNF, 2017, não paginado) denominado como Serra Dourada.

Portanto, a tríade, Geociências-Geografia-Geodiversidade, para além do conhecimento empírico das formas e conceitos em torno deste estudo do ambiente da Serra Dourada é ao mesmo tempo terreno fértil para a lida no campo educacional, ainda carente de conhecimento e consolidação valorativa da cultura ambiental. Dado que não figura como exagero, exaltar o esforço desses discentes em fazer-se portador da materialização desta mensagem científica.

Considerações finais

Os estudos empíricos *e/ou in loco* são de fundamental importância para a observação dos objetos e dos ambientes bióticos e abióticos que são úteis à Geografia do ensino básico até o ensino superior.

Trata-se de uma ferramenta que permite verificar os conteúdos de Geodiversidade, na intenção de atrelá-los aos saberes da Geografia, assim como aos das Geociências no sentido de aplicá-los no ambiente escolar como um todo. Constitui tarefa de grande relevância e supridora de uma carência de conhecimento interdisciplinar. Outro passo importante, que vem no mesmo ato, é o de conhecer. Este se consolida em um passo a mais na direção do despertar para o sentimento de pertencimento, com canal para a preservação e transmissão educativa de geração a geração.

É claro que, para uma melhor execução desses saberes/recursos e ainda metodologia/método no sentido de sua consolidação científica, é preciso que se realize um bom planejamento com etapas iniciais, intermediárias e finais para aquele público-alvo.

Assim, Alentejano e Rocha-Leão (2006, p. 63) asseveram que:

[...] se estas [...] [atividades de campo] forem previamente preparadas, instigando se os alunos a problematizar o que vão ver, a preparar o que vão perguntar e refletir acerca do que vão observar e podem representar uma importante contribuição para o processo de formação destes como pesquisadores.

Nesse sentido, as áreas visitadas (geossítios) junto a Serra Dourada apresentam os requisitos adequados aos estudos de Geodiversidade. Requer-se como elemento fundante, a compreensão da complexidade interativa dos elementos naturais, no sentido do melhor direcionamento das formas de uso propriamente ditas; os meios pelos quais a ciência nos autoriza tal uso, apontando seus limites e possibilidades. Portanto, não seria excesso entender em profundidade, o que é um ambiente ecologicamente frágil, para citar apenas um dos itens de conhecimento, cuja intenção é a de garantir, no seu curso natural, a preservação. Do contrário, com base em usos inadequados, suas variedades de fauna e flora só serão lembradas por meio de gravuras dos manuais didáticos, dado a histórica voracidade mercadológica pelos recursos naturais em todos os biomas nacionais.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia do ensino superior**: da prática docente a uma possível teoria pedagógica. Curitiba: IBPEX, 1998.

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 51-67, 2006.

BRILHA, J. **Patrimônio geológico e geoconservação**: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage, 2005.

CARNEIRO, V. A. **Concepções de trabalho de campo e ensino de Geografia nas licenciaturas do Sudeste Goiano**. 2009. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CASSETI, V. **Elementos de geomorfologia**. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1994.

CASSETI, V. **Geomorfologia**. Goiânia: FUNAPE-UFG, 2005.

CHRISTOFOLETTI, A. A geografia física no estudo das mudanças ambientais. In: BECKER, B. K.; CHRISTOFOLETTI, A.; DAVIDOVICH, F. R.; GEIGER, P. P. (Org.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995. p.334-345.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS - CPRM / SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Mapa geodiversidade do Brasil (escala 1: 2.500.000)**. Brasília: CPRM, 2006.

DANNI, J. C. M.; DARDENNE, M. A.; FUCK, R. A. 1981. Geologia da região de Goiás (GO): O Greenstone Belt da Serra de Santa Rita e a Sequência Serra do Cantagalo. In: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO CENTRO-OESTE, 1, Goiânia, 1981. *Anais...* Goiânia, SBG, 1981. p. 265-280.

FARIA, M. I. N. **Parque Estadual da Serra Dourada: uma contribuição ao ecoturismo com base na percepção ambiental dos moradores da Cidade de Goiás**. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

FRANCO, A. C. S.; CARNEIRO, V. A. Trabalho de campo como complemento para o ensino e aprendizagem - olhares sobre o Parque Estadual da Serra Dourada - GO. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 13, n. 1, p. 258-268, 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. **Decreto n. 5.768, de 05 de junho de 2003 (criação do Parque Estadual da Serra Dourada)**. Goiás: Gabinete Civil da Governadoria / Superintendência de Legislação, 2003.

GRAY, M. Other nature: geodiversity and geosystem services. **Environmental Conservation**, Cambridge, v. 38, n. 3, p. 271-274, 2011

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS - ICNF. **Patrimônio geológico e geossítios**. Lisboa: ICNF, 2017. Disponível em: <<http://www2.icnf.pt/portal/pn/geodiversidade/patrimonio-geologico>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

JUSTINO, J. A. A.; CARNEIRO, V. A. (Re) conhecendo a geodiversidade na Serra Dourada - relato de experiência da visita a Reserva Biológica Prof. José Ângelo Rizzo em Goiás - GO. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 13, n. 1, p. 246-257, 2020.

KANT, I. **Lógica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

MACEDO-ECKEL, E. **A Pedra Goiana tombou do céu**. [s.d] Disponível em: <<http://www.erciliamacedoescritora.com.br/A%20Pedra%20Goiana.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2019.

MACHADO, L. E. G.; LIMA, C. V. Compartimentação geomorfológica da bacia hidrográfica do Rio Vermelho (GO) utilizando imagens ASTER. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO - SBSR, XV, Curitiba, 2011. *Anais...* Curitiba: SBSR-INPE, 2011. p. 8231-8239.

MELO, M. S. Vila Velha, PR - resultado do trabalho do vento?. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 07-26, 2002.

NASCIMENTO, M. A. L. S. Geomorfologia do Estado de Goiás. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 01-22, 1992.

NASCIMENTO, M. A. L.; RUCHKYS, U. A.; MANTESSO-NETO, V. **Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geologia, 2008.

SOUZA, A. J.; MÜLLER, R. B. **Geomorfologia**. Indaial: UNIASSELVI, 2010.

TOMITA, L. M. S. Trabalho de campo como instrumento de ensino em geografia. **Revista Geografia**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan./jun. 1999.

VILA BOA DE GOIÁS. **Fotos da antiga Vila Boa de Goiás** Disponível em: <http://www.vilaboadegoias.com.br/album_fotos/fotos_antigas/page/image52.html>. Acesso em: 11 ago. 2019.

VITTE, A. C. Da metafísica da natureza à gênese da Geografia Física moderna. **Revista Geographia**, Niterói, v. 8, n. 15, p.23-50, 2006.